

Oficina de Expressão no Projeto Rondon em Marianópolis do Tocantins: Um Relato de Experiência

Morgana Franciele Rios Xavier;
Aline Meneghetti; Caroline Vetori de Souza;
Cláucia Piccoli Faganello;
Diego Almeida dos Santos;
Felipe de Oliveira Gonçalves;
Louise Piva Penteado;
Raquel Fraga S. Raimondo;
Aragon Érico Dasso Júnior

RESUMO: Expressão é a exteriorização dos pensamentos e dos sentimentos por meio da comunicação. A comunicação é o processo de interação no qual compartilhamos mensagens, através de gestos ou palavras, podendo influenciar o comportamento de outros, que reagem a partir de suas crenças, histórias de vida e cultura. Neste sentido, a Oficina de Expressão, uma ação realizada pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Marianópolis do Tocantins, na Operação Tocantins, durante o Projeto Rondon, no período de janeiro e fevereiro de 2017, objetivou propiciar, dentro de uma perspectiva de educação emancipatória e através de uma abordagem sensível e lúdica, um espaço para exercer a liberdade de expressão por meio de práticas de comunicação, ao passo que propunha questionamentos sobre os limites das ações, onde o espaço e os direitos de outrem sejam respeitados. A oficina teve duração de uma hora e 30 minutos e contou com 20 estudantes, jovens e adolescentes. O presente artigo é um relato de experiência da Oficina de Expressão, a partir dos olhares de rondonistas da UFRGS, expondo o porquê e a forma como ela foi planejada, a sua execução e os seus desdobramentos.

PALAVRAS CHAVES: Expressão; Comunicação; Educação; Projeto Rondon

ABSTRACT: Expression is the externalization of thoughts and feelings through communication. Communication is the process of interaction in which we share messages, through gestures or words, and it can influence the behavior of others, who react based on their beliefs, life histories and culture. In this sense, the Workshop of Expression, an action carried out by the team from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), in the city of Marianópolis do Tocantins, in the Operation Tocantins, during the Rondon Project, in January and February 2017, aimed at providing, within a perspective of emancipatory education and through a sensitive and playful approach, a space to exercise freedom of expression through communication practices, while proposing questions about the limits of actions, where space and rights are respected. The workshop lasted one hour and 30 minutes and had 20 students, young people and

adolescents. The present article is an experience report of the Expression Workshop, based on the views of the UFRGS 'rondonistas, explaining why and how it was planned, its execution and its development.

KEYWORDS: Expression; Communication; Education; Rondon Project

INTRODUÇÃO

Segundo o Dicionário Brasileiro de língua portuguesa Michaelis (2017), expressão é “exteriorização das ideias ou do pensamento por meio de gestos ou palavras”, isto é, por meio da comunicação. A comunicação é um processo de interação no qual compartilhamos mensagens, ideias, sentimentos e emoções através de gestos ou palavras, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagem a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura (SILVA et al, 2000) portanto, desconsiderar essas questões, isto é, agir com desrespeito, pode tornar a comunicação conflituosa. Assim, pode-se compreender que o veículo da expressão é a comunicação, é a interação humana e que não deve ser entendida somente como um fenômeno isolado, mas sim, uma ação que possui dimensões sociais. Neste sentido, a Oficina de Expressão, uma ação realizada durante o Projeto Rondon pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Marianópolis do Tocantins, na Operação Tocantins, objetivou propiciar um espaço para exercer a liberdade de expressão por meio de práticas de comunicação, ao passo que propunha questionamentos sobre os limites das ações, onde o espaço e os direitos de outrem sejam respeitados.

O Projeto Rondon é um projeto de integração social coordenado pelo Ministério da Defesa que tem por objetivo levar estudantes universitários, chamados de rondonistas, para realizarem ações que fortaleçam a cidadania e colaborem com o bem estar da população de comunidades carentes. A Operação Tocantins ocorreu no período de janeiro e fevereiro de 2017 e a Equipe UFRGS realizou suas ações na cidade de Marianópolis do Tocantins, sendo que a Oficina de Expressão foi uma delas.

Diante disso, o objetivo do presente artigo é relatar a experiência da Oficina de Expressão, a partir dos olhares de rondonistas da UFRGS, expondo o porquê e a forma como ela foi planejada, a sua execução e os seus desdobramentos.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, construído coletivamente por rondonistas da UFRGS que participaram da Oficina de Expressão, que conta com o apoio de alguns trechos colhidos de depoimentos individuais, informais e subjetivos que foram escritos previamente por alguns dos autores que estiveram mais presentes na ação, Morgana, Aline, Diego e Aragon.

DESENVOLVIMENTO

A construção

A construção das oficinas e atividades para a Operação Tocantins no Projeto Rondon ocorreu no segundo semestre de 2016. Foram realizadas reuniões semanais para discutir e problematizar as demandas identificadas previamente no município de Marianópolis do Tocantins, segundo viagem precursora realizada pelos professores responsáveis pelo projeto na UFRGS. Após isso, os rondonistas apresentavam propostas de ação que eram validadas pela equipe.

A proposta de ação da Oficina de Expressão foi trazida pela rondonista Morgana, estudante de Fisioterapia, em função de que havia sido identificado, na cidade de atuação, pouco espaço para a participação social e poucos lugares para o lazer, a expressão cultural e artística. e que esses eram alguns dos desejos da população. A proposta de ação foi aceita pela equipe que trabalhou coletivamente desenvolvê-la e aprimorá-la. Assim, foram definidos os princípios norteadores da oficina e o tipo de abordagem em educação que guiaram a escolha das atividades, bem como a sequência lógica e temporal em que elas aconteceriam.

Os delineamentos

O caráter sensível e lúdico foram os princípios norteadores da oficina, haja vista que a atividade lúdica aprimora sensações e percepções, permitindo uma imersão total no presente e, ainda, possibilitando compreender a coincidência entre o espaço de aprendizagem e o espaço de jogar (CASTILHO & SCHWARTZ, 2009). Dessa forma, por conseguinte, conferindo sensibilidade ao processo educativo.

A abordagem alicerçou-se à perspectiva de uma educação emancipatória, popular e democrática, fundamentada nas ideias de Paulo Freire, que enfatiza o diálogo entre educador e educando, entendendo que a educação deve estar ancorada na coletividade, solidariedade e amorosidade, onde educar é uma tarefa de trocas entre pessoas que exige valorização da identidade cultural e dos saberes dos educandos (BRANDÃO 2005; FREIRE, 2004; FREIRE, 2002).

A Oficina de Expressão

A oficina foi realizada em uma sala de aula da Escola Estadual David Barbosa Rolins, teve duração de uma hora e 30 minutos e contou com 20 participantes, todos estudantes jovens e adolescentes. Foram realizadas ações como roda de conversa sobre a temática “expressão e opressão”, práticas corporais e um show de talentos. Havia rondonistas do lado de fora da sala de aula fazendo a recepção dos alunos e preparando os certificados, enquanto outros estavam atuando na oficina propriamente dita.

A primeira ação foi uma roda de conversa, que foi estruturada e executada tendo por referência a configuração dos Círculos de Cultura de Paulo freire (BRANDÃO 2005; MONTEIRO 2010), bem como a proposta de educação popular e democrática trazida pelo mesmo (BRANDÃO 2005; FREIRE, 2004; FREIRE, 2002; MONTEIRO, 2010). Dessa forma permitindo a troca de conhecimentos, sentimentos e experiências, ensejando possibilitar aos jovens participantes perfilar suas próprias conjecturas a respeito do tema abordado, sem imposições, a partir de suas próprias linguagens, que, emergidas de suas realidades, voltam-se sobre ela.

O trecho do depoimento de uma das rondonistas, adiante, demonstra como foi encaminhada a atividade.

“Dentre as perguntas que fiz aos jovens, esta foi uma delas: Quando uma pessoa oprime outra, ela está se expressando? Ouvi a opinião de um...depois de outro. Ficaram me olhando pra ver se eu daria uma resposta, afinal, é ou não é? Não é que eu acredite em neutralidade, mas queria que construíssem suas próprias hipóteses, por tanto, não disse o que pensava, estava instigando eles e, aos poucos, eles começaram, ainda que meio tímidos, a entrar no jogo.” (Morgana Xavier)

Após essa roda de conversa foram realizadas diversas práticas corporais. As práticas corporais são fenômenos que se explicitam, prioritariamente, ao nível corporal, firmando-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, entre outras, constituindo, assim, a corporalidade humana e podendo ser compreendidos como forma de linguagem através da expressão corporal (SILVA, 2014). Para tanto, realizamos jogos que continham conteúdo corpóreo, além de ginástica e caminhadas acompanhadas de música. A fruição de uma experiência no grau de envolvimento que as práticas corporais permitem põe em ação o conjunto dos órgãos e sentidos humanos, retomando possibilidades sensíveis, como poucas atividades o permitem (SILVA, 2014).

Por fim, os participantes foram desafiados a fazer um show de talentos. A proposta era que estivessem completamente livres, inclusive para planejar e ensaiar em outros espaços da escola, com intuito de que pudessem expressar-se livremente e que pudessemos observar os resultados da oficina.

Os Desdobramentos

Ninguém sabia, mas os desdobramentos desta oficina viriam a impactar a vida dos rondonistas. A seguir são expostos alguns relatos que ilustram essa afirmação.

“Era uma sexta-feira, final de janeiro de 2017. Havíamos partido de Porto Alegre, 10 pessoas, na quinta-feira, retrasada. Representamos a UFRGS. Havíamos nos “conhecido” há alguns meses. [...]. Mal sabia que esse Projeto me marcaria tanto, mal sabia que seria nessa sexta-feira, na segunda parte da tar-

de, que eu redescobriria sentimentos deixados em alguma caixinha do passado.”
(Aragon Dasso Jr.)

“Particularmente, foi incrível participar da oficina de expressão, sem dúvida foi um marco no projeto para mim, talvez eu tenha compreendido o quanto foi valioso no final [...], ainda assim consigo refletir tendo perspectivas diferentes daquele dia que se fez tão importante.” (Aline Meneghetti)

“[...] Um momento marcante da minha vida que me fez refletir sobre o meu papel na sociedade. [...] A cada apresentação daquele pequeno show de talentos eu me arrepiava e sentia meu corpo vibrar. Me perguntava: será que meus colegas estão sentindo o mesmo que eu?” (Morgana Xavier)

“[...] Entre vários pensamentos e notas mentais jamais compartilhadas, participei do momento mais emocionante julgado por mim, em nossa operação. [...] Aquilo me atingiu de tal forma, que deixou meus pensamentos em “cacos” que até hoje ainda não consegui remontar [...]” (Diego Almeida)

A medida que o passo a passo da oficina ia sendo cumprido, ela ia parecendo, em um primeiro julgamento, uma disparate, afinal, estamos todos acostumados a formas mais tradicionais de educação, é razoável que nos cause estranhamentos uma desconstrução de padrões, uma mudança radical.

“ [...] Tudo parecia uma loucura, “deixar os jovens tão livres assim”, embora eu acreditasse que daria certo, parecia por vezes conflitante na minha cabeça, pois sentia que poderiam estar descrentes com a proposta. Estava sendo um desafio pra mim, confesso. Fiquei com medo de frustrar a todos, os meus colegas, os coordenadores e aqueles jovens. Mas, embora sempre tenha sido um tanto medrosa, sempre fui determinada e mesmo com medo, eu agia com amor e dedicação.” (Morgana Xavier)

“Muitos de nós rondonistas que olhávamos, por vezes, de fora a oficina não estávamos crentes de quanto tudo aquilo poderia ser didático para as classes que foram apresentadas. Mas quem acompanhava as oficinas que a Morgana ministrava percebia que ela acreditava em todo seu projeto para oficina, e era encantador ver como conduzia uma sala lotada [...]” (Aline Meneghetti)

“A Oficina de Expressão, me parecia uma bagunça completamente desestruturada, cheia de adolescentes no ápice completo de energia e vitalidade [...] No entanto estava enganado [...] Na verdade a oficina estava atingindo todos os objetivos propostos da melhor maneira possível, eu até o momento estava longe de perceber isso. Com o retorno dos alunos para sala, e o andamento da oficina, veio surpresa!” (Diego Almeida)

Embora o planejamento estivesse sendo seguido era desafiante estar atuando como mediadores em um processo que o participantes são agentes ativos. “[...] à medida que ela percebia a turma então conduzia os alunos dando ferramentas e principal-

mente ambiente para se expressarem, na tentativa de entender o que se passava com aqueles aluno”, comentou a rondonista Aline sobre a mediação de Morgana na Oficina de Expressão. “[...] Diego era firme e de fala incisiva, me ajudava a controlar eventuais bagunças. Aline tinha uma amorosidade e uma forma de interagir horizontalmente com os alunos, o que conferiu uma doçura a oficina”, relatou Morgana sobre as peculiaridades de cada rondonista que foram importantes para a oficina acontecer. Assim, chegamos ao desfecho surpreendente dessa história contado a luz dos depoimentos dos rondonistas:

“Algumas mensagens ensaiadas, músicas cantadas, e a cena mais marcante encenada. Em uma situação fictícia sobre o preconceito racial (que ao meu ver de fictícia não tinha nada) um grupo expressou o cotidiano vivenciado por eles. [...] Por mais que eu tenha tentado espantar aquela cena e aqueles pensamentos da minha mente, enquanto eu arrumava as cadeiras na sala de aula ao término da oficina, foi impossível conter as lágrimas e a emoção, me dei conta o quão sensíveis eram aqueles adolescentes, da falta de amparo social, emocional que eles estavam expostos [...]. Percebi que alguns colegas rondonistas também haviam sido “chacoalhados” por aquela cena. Como de costume rolaram aqueles abraços arrebatadores enquanto as lágrimas caíam soltas [...], foi na companhia de um silêncio ensurdecedor que voltamos para o alojamento e terminamos mais um -aquele- dia de operação.” (Diego Almeida)

“No final de cada oficina, acredito que não só para mim mas para todos os rondonistas era impactante tudo aquilo que surgia dos alunos, ora era abordado preconceito racial, ora eles simplesmente cantavam e isso por si só era maneira de se expressar. No entanto, o que particularmente me impactava não era aquilo que mais causava comoção, mas sim o desejo daqueles alunos de serem ouvidos, a maneira que eles enxergavam tudo que acontecia ao seu redor, foi no momento da oficina de expressão que tiveram a liberdade de estar expostos para se expressar, seja na forma teatral ou no momento que conversavam com os rondonistas depois da oficina.” (Aline Meneghetti)

“[...] Quando olhei, se a memória não me falha, havia um trio cantando uma canção sertaneja na moda naquele momento. Legal, gostei, pensei que a Morgana estaria feliz com o resultado. Porém, em seguida, veio um outro grupo de alunos para a frente da sala. Não optaram pela música, uma saída fácil para jovens daquela idade, naquela circunstância. Optaram por representarem um fato que havia ocorrido com algum deles ou que tinham conhecimento ou mesmo que tinha visto. Não lembro. Era a encenação de um ato de discriminação. Em algum momento, durante a cena, eu congelei, eles me “pegaram”. A cena me abduziu para outro lugar. O corpo seguia de pé, debruçado sobre a janela, do lado de fora da sala. Mas o pensamento estava em algum restaurante distante e impreciso (acho que era esse o lugar em que se deu o fato), presente e vivo na memória da menina que sofria a discriminação, uma suposta garçonete. A encenação

me colocou, em segundos, dentro de uma “máquina de lavar”, foi um turbilhão de sensações e sentimentos, foi desconcertante. [...] Estava claramente emocionado. Eu pensei: o que está acontecendo? Era a racionalidade tentando me fazer voltar. Não deu certo. Eu seguia hipnotizado, estava em uma outra esfera, estava tomado pela emoção. Naquele momento, de uma forma inesperada, um mix de coisas rolou. Eu, provavelmente, subestimava a capacidade daqueles jovens de me emocionarem. Mais, eu desacreditava completamente que isso seria possível. Como assim, logo eu que já vi tantas coisas, que já estive em tantos lugares, que sempre tenta planejar tudo, que sempre tenta controlar todas as variáveis, que sempre tenta prever todas as possibilidades, como assim? [...] em uma sexta-feira de tarde, o meu “Rondon” aconteceu, me transformou.” (Aragon Dasso jr)

Cada apresentação do “Show de Talentos”, cada jovem motivado a se expressar, cantar, dançar ou recitar poemas, ia gradualmente impregnando o momento de ternura. Até que a apresentação final, o teatro sobre racismo, rompeu com qualquer resquício de olhar rígido e distanciado que quisesse permanecer, emocionando a todos e trazendo reflexões sobre respeito e empatia. Á face do exposto, os rondonistas se deram conta de que, mais do que estar ali para ensinar, estavam ali para aprender, e acabavam de ter tido uma aula com conteúdo tão complexo e tão sensível que os transformou.

CONCLUSÃO

A Oficina de Expressão foi uma lição de vida e de cidadania, objetivos gerais do Projeto Rondon. Aliou educação, arte, cultura e comunicação na promoção de um espaço democrático de expressão, dando voz a jovens estudantes de Marianópolis do Tocantins. Os depoimentos dos rondonistas da UFRGS revelaram que esse desfecho da oficina causou grande impacto sobre suas vidas pois proporcionou uma reflexão crítica que foi além dos limites da racionalidade e permitiu aflorar a sensibilidade, possibilitando um olhar mais humano àquela realidade. E foi assim, onde ocorreu um dos momentos mais emocionantes da Operação Tocantins, que o Rondon da Equipe UFRGS se fez, um Rondon transformador.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire?. 2006

CASTILHO MOREIRA, Jaqueline C.; SCHWARTZ, Gisele Maria. Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal. Educar em Revista, n. 33, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Educação em saúde a partir de círculos de cultura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 3, n. 63, p.397-403, maio/jun. 2010.

MELHORAMENTOS (Ed.) MICHAELIS: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=expressão>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SILVA, Lúcia Marta Giunta da et al. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Revista latino-americana de enfermagem*, 2000.

SILVA, Ana Marcia. Entre o corpo e as práticas corporais. *Arquivos em Movimento*, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014.